

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



EXPEDIÇÃO ACROBATAS DA SERRA DA CAPIVARA

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Dedicamos este Diário de Bordo a Niède Guidon, que colocou toda sua vida na defesa da Serra da Capivara, realizando uma verdadeira revolução sustentável junto à população Nativa, que hoje participa de uma cadeia produtiva extrativista, gerando renda e garantindo qualidade de vida.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

INDICE

CIRCULANDO A SERRA DA CAPIVARA	04
Parque Nacional da Serra da Capivara – 25.000 pinturas rupestres	06
Andarilhas e andarilhos do óbvio – Caminhos da Serra da Capivara	11
Programação Expedição Acrobatas da Serra da Capivara	17
Expedição Acrobatas da Serra da Capivara: um resgate da ancestralidade nos processos educacionais artísticos, estéticos e transformadores do circo social.....	21
Roda de Diálogo com Niedje.....	28
Diário de bordo.....	31
Descrição das trilhas dialogadas.....	69
ACROBATAS NA CURVA DO TEMPO – A GIRA DOS TEMPOS PRÓXIMO PASSO	72
Reafirmando as inscrições rupestres.....	75

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



CIRCULANDO A SERRA DA CAPIVARA

Cristina Diôgo

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado
mas faz parte do processo da busca
Ensinar e aprender
não pode dar-se fora da procura
fora da boniteza
e da alegria
gente miúda
mas gente em processo de busca
gente formando-se
crescendo...
é com gente que lido...
não com coisa
se porque lido com gente
não devo negar a quem sonha
o direito de sonhar. ”Paulo Freire*

A Expedição Acrobatas da Serra da Capivara teve como objetivos: realizar uma ação em Rede com a participação de quatro instituições que compõem a Rede Circo do Mundo Brasil; conhecer as inscrições contempladas na pesquisa de Alice Viveiros; mapear o caminho da Expedição Acrobatas da Serra da Capivara; realizar uma releitura corporal das inscrições dos Acrobatas da Serra da Capivara; montar um espetáculo acrobático a partir das inscrições revisitadas dirigido por Alice Viveiros; realizar um intercâmbio com os educandos e educandas do Pro Arte e sistematizar e publicar a experiência acompanhada de um encarte com documentário em vídeo, coletânea em cd da trilha sonora original do espetáculo e um quebra cabeça tendo como tema as inscrições dos acrobatas da Serra da Capivara.

Esses sonhos só foram possíveis de se realizar graças à parceria e patrocínio do Banco do Nordeste/BNDS através do edital BNB de Cultura 2011 e da equipe do Instituto de Ecocidadania Juriti que apostou na proposta de juntar o conhecimento do resultado da Pesquisa da Alice Viveiros de Castro com uma vivência arqueológica de jovens educadores sociais do Nordeste, que tem no circo um valioso instrumento de educação popular. Desconstruir e construir as

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

hipóteses visuais dos movimentos acrobáticos dos desenhos rupestres provocou o desafio de passar uma semana na Serra da Capivara com jovens artistas circenses de projetos sociais que acreditam na arte como um instrumento de construção de conhecimento e de exercício de cidadania plena.

Generosidade intelectual, cultura colaborativa e ação em rede foram as marcas deste trabalho que aos poucos foi tomando o rumo certo, as pessoas chegando: **o encontro**, encontro com os jovens, encontro com o povo da Serra da Capivara, encontro com os cientistas do Museu do Homem Americano, dos arqueólogos e arqueólogas do Parque Nacional da Serra da Capivara, encontro com a equipe e com as crianças do **Pro Arte**, a convivência criativa e cheia de descobertas com os guias do Parque Nacional da Serra da Capivara e o acolhimento fraterno de toda a equipe do Albergue da Serra da Capivara.

Aos poucos fomos compreendendo a necessidade de pedir licença aos nossos ancestrais ali presentes com suas marcas do passado, a cada visita a floresta reverenciávamos os Deuses e Deusas da Floresta pedindo proteção, força e inspiração para que os nossos caminhos fossem repletos de curiosidade, alegria, prazer, gentileza, solidariedade, respeito à natureza e muito amor que é capaz de vencer calor, cansaço, longas subidas e uma grande jornada de exercícios circenses que possibilitaram a montagem do Espetáculo Acrobatas da Curva do Tempo apresentado no anfiteatro da Pedra Furada, emoldurada por aquela natureza exuberante e cheia de mistérios.

Senhoras e senhores, meninas e meninos, com vocês a Expedição Acrobatas da Serra da Capivara, provando que o circo é o mais antigo espetáculo da terra.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Parque Nacional da Serra da Capivara – 25.000 pinturas rupestres



Alice Viveiros de Castro

Patrimônio Cultural da Humanidade o Parque Nacional da Serra da Capivara abriga mais de 25.000 pinturas e gravuras rupestres em seus mais de 700 sítios arqueológicos, 120 já abertos à visitação pública. Hoje o Parque é parte de um grande complexo de preservação e proteção ambiental e cultural com seus 130.000 hectares somando-se a um corredor ecológico e aos 526.000 hectares do Parque Nacional da Serra das Confusões onde a cada dia descobrem-se novos sítios arqueológicos.¹

E tudo isso começou porque o Prefeito de São Raimundo Nonato mostrou para uma jovem pesquisadora algumas fotografias daquelas pinturas que o povo chamava de “coisas de índio velho”. E Niède Guidon, brasileira de Jaú, filha de índia e francês, formada em História Natural em São Paulo e Doutora em Arqueologia pela Sorbonne, em Paris, não sossegou enquanto não conseguiu chegar até lá e ver com seus próprios olhos. Nunca mais abandonou a região. Voltou para Paris, conquistou títulos, escreveu livros e inúmeros artigos científicos e conseguiu à custa de uma perseverança admirável e de uma capacidade de liderança ímpar transformar aquela área abandonada aos pecuaristas e desmatadores na maior concentração de sítios arqueológicos das Américas. E de quebra mudou o entendimento que o mundo tinha sobre a história do povoamento da Terra.

Pequenos seixos lascados unifacialmente são a prova de que a região do Boqueirão da Pedra Furada já era habitado há 100.000 anos atrás. Pequenos pedaços de carvão em roda, formando uma espécie de fogão primitivo, foram

1 Nas duas semanas que passei em São Raimundo Nonato foram descobertos 18 novos sítios arqueológicos!.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

datados em mais de 40.000 anos e somando estas evidências às inúmeras novas descobertas de ossos, artefatos de pedra, contas e até um cocô humano demonstrou-se que aquela região foi permanentemente ocupada entre 100.000 e 6.000 anos atrás. Todos estes achados colocaram por terra a teoria de que o homem só teria chegado à América do Sul há 12.000 anos atrás.

Muito se tem descoberto desde a chegada de Niède e sua pequena equipe à Serra da Capivara em 1970. Graças a ela e aos abnegados arqueólogos brasileiros hoje temos diversos sítios em estudo espalhados por todo o país e podemos começar a compreender melhor nossos antepassados.

Um dos elementos mais interessantes a nos ajudar a compreender o mundo de 100.000 anos antes de nós é a arte deixada nas pedras no Piauí, na Bahia, no Rio Grande do Norte, em Pernambuco e no Maranhão. Nestes Estados diferentes sítios arqueológicos parecem terem sido ocupados por humanos de uma mesma tradição cultural.

Estudos sobre a arte rupestre devem ser sempre encarados com muito cuidado pois o simbólico de cada cultura, de cada grupo humano em cada época tem significados diversos e por mais que possamos encontrar imagens que nos tocam hoje, que parecem a nós representações claras de atos perfeitamente reconhecíveis temos que ter em mente que não dominamos aquela cultura. Não conhecemos, a não ser por pequenos sinais, nada de seu cotidiano, de suas linguagens e de suas convenções estéticas.

Niède Guidon sempre dá como exemplo o desenho de um círculo cercado de pequenas linhas. Para nós o símbolo mais óbvio do sol. No entanto para um índio krahô aquela é a imagem da aldeia e dos caminhos que levam às roças.

O estudo da Arte Rupestre é um segmento da arqueologia que exige profundo conhecimento da Antropologia e uma grande capacidade de auto controle. Como diz a arqueóloga Gabriela Martin sobre o trabalho de Anne Marie Pessis sobre as pinturas da Serra da Capivara, publicado no livro *Imagens da Pré-História*:

“.... um esforço inovador na compreensão do imaginário visual das sociedades indígenas brasileiras. uma abordagem teórica, que permite uma análise rigorosa e sem concessões interpretativas.” (o destaque é meu)

Aventuras de uma Acrobata Mental na Serra da Capivara

Há muito tempo tenho usado este termo - acrobata mental - para definir a perigosa arte de traduzir o universo circense para além dele mesmo, desvendando sua história e revelando seus admiráveis personagens.

Mas desde o momento em que me deparei com a imagem dos Acrobatas do Boqueirão da Pedra Furada, percebi que estava diante de um desafio digno de um salto triplo no trapézio. E sem rede.

Quanto mais olhava para as figuras mais tinha certeza de que estava vendo a representação de uma ação acrobática: o movimento de cabeça da figura à esquerda no grupo do meio, cabeça para trás, corpo arqueado, pernas seguindo o movimento; os braços da segunda figura à direita que parecem jogar o companheiro que tem as pernas dobradas soltas no espaço, pura acrobacia. Me encantei com a delicadeza da figura central que apoia a cabeça do companheiro, os braços para cima e a cabeça para trás. Tudo isso dá à cena um movimento, uma dinâmica, uma expressividade acrobática.

Mas quando comecei a me embrenhar nos meandros da arqueologia o medo tomou conta de mim. Será que esta era uma hipótese viável? As palavras de Gabriela Martim e a tese da Anne Marie Pessis me perseguiram o tempo todo. - Não posso me permitir “concessões interpretativas!” - pensava eu.

Por muito tempo meu maior pesadelo foi a legenda desta imagem no livro *Imagens da Pré-História*:

“figuras humanas dispostas em círculo, onde as distâncias e a profundidade são produto de uma “perspectiva plana”.

Esta “perspectiva plana” me persegue até agora.

Li, li muito. E me deparei com um universo imenso que se refaz a cada nova descoberta. A arqueologia é uma ciência para gente de nervos fortes, como os acrobatas. A todo o momento uma nova descoberta, uma nova datação te obriga a rever todos os teus conceitos, a refazer o trabalho de uma vida por conta de uma conta de um colar encontrado ao lado dos ossos de uma jovem soterrada há tantos milênios.

Num primeiro momento acreditou-se que as figuras pintadas no Boqueirão da Pedra Furada teriam no máximo 12.000 anos. Mas há relativamente pouco tempo conseguiu-se datar uma área de escavação que continha uma placa de rocha pintada em 27.000 anos. Portanto podemos afirmar que aquelas figuras podem ter sido pintadas há mais de 27.000 anos. Infelizmente ainda não foi desenvolvido um método para datar os pigmentos, assim não podemos afirmar em que momento foi feita esta ou aquela figura específica. O que sabemos com certeza é que seres humanos, ligados àquelas tradições pintaram naquelas rochas por mais de 27.000 anos.

A explicação de porque naquela figura a roda estaria representada na perspectiva plana e em outros inúmeros momentos encontramos figuras em perspectiva com profundidade é dada pelos estudiosos, Anne Marie Pessis à frente, através do estabelecimento de diferentes tradições, algo que de uma forma simplista traduzo aqui como estilos.

Trata-se de uma questão complicada, assunto para especialistas. Mas me permito aqui, mais uma vez, me apropriar do discurso de Gabriela Martins no seu livro *Pré-História do Nordeste do Brasil*:

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

“O termo tradição está bem aceito e arraigado no Brasil para as macro-divisões de registros rupestres se bem que nem todos os autores estejam de acordo com sua conceituação. Utilizado também para as indústrias líticas e cerâmicas, equivale ao conceito de horizonte cultural, termo menos utilizado, porém usual na bibliografia de outros países do continente.

O conceito de tradição compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes.....

Um dos primeiros pesquisadores a utilizar o termo tradição aplicado à arte rupestre foi Valentin Calderón, na Bahia, em 1970, para definir “o conjunto de características que se refletem em diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que as transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas através do tempo e do espaço.”

A definição de tradição formulada por A.M. Pessis e N. Guidon (1992) considera os tipos de figuras presentes nos painéis, as proporções relativas que existiam entre esses tipos e as relações que se estabelecem entre os diversos grafismos que compõem um painel. Os tipos que caracterizam uma tradição são estabelecidos a partir da síntese de todas as manifestações gráficas existentes na área arqueológica determinada, ou resumindo: “a classe inicial conhecida como tradição ordena os registros gráficos por grupos que representam identidades culturais de caráter geral”.

Para A Prous (1992), a tradição é “a categoria mais abrangente entre as unidades rupestres descritivas, implicando uma certa permanência de traços distintivos, geralmente temáticos.”

Gabriela finaliza esta explicação com um parágrafo que me encheu de esperanças:

“A ambiguidade das definições reflete, em geral, a dificuldade de se conhecer o universo extremamente complexo que representa a arte rupestre, do qual raramente possuímos contexto, realidade que distingue a arte pré-histórica das restantes manifestações estéticas do homem.”

O trabalho realizado por Niède Guidon e Anne Marie Pessis na Serra da Capivara foi fundamental para todos os estudos realizados na arte rupestre brasileira, notadamente nas figuras encontradas no Nordeste. As pesquisadoras estabeleceram duas grandes tradições, a Nordeste e a Agreste que são divididas em sub-tradições de acordo com a região e algumas características de técnica e estilo.

A grande maioria das figuras encontradas na Serra da Capivara foram classificadas na Tradição Nordeste. As características fundamentais desta

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

tradição seriam a variedade dos temas apresentados; a riqueza de enfeites e atributos que acompanham a figura humana; o movimento e a dinâmica; o pequeno tamanho das figuras humanas, geralmente entre cinco e quinze centímetros. Gabriela Martin, assim define a tradição Nordeste:

“(as figuras humanas são) às vezes possuídas de grande agitação, com o rosto de perfil como se gritassem. A luta, a caça, a dança e o sexo são habilmente representados com grande riqueza de interpretações, utilizando-se uma técnica de traço leve e seguro.”

Neste momento comecei a me tranquilizar, respirei fundo e voltei a me concentrar na acrobacia e nos acrobatas pré-históricos. Pois se com todo o cuidado para não se permitir “concessões interpretativas” minhas arqueólogas preferidas concordavam que ali haviam cenas de dança, luta e sexo, me senti liberada para retomar meus estudos sobre a prática das artes da proeza e do equilíbrio na pré-história.



Andarilhas e andarilhos do óbvio – Caminhos da Serra da Capivara

Maria Cecília Felix Calaça



Minha estada em Fortaleza para fazer o doutorado no curso da Pós-graduação em Educação Brasileira na UFC, tem proporcionado conhecimentos, amigos, encontros e oportunidades de visitar cidades e comunidades Quilombolas. Todo esse processo só faz ampliar os olhares sobre as diferenças e os saberes que somam enriquecendo ainda mais a formação advinda da academia e do cotidiano. Por conseguinte, o desejo de realizar determinadas viagens já fazia parte dos meus planos, apesar disso, alguns projetos pareciam possibilidades distantes um sonho que poderia; quem sabe? Tornar-se realidade um dia.

Então aconteceu; o dia chegou; não estava sonhando; até onde meus olhos podiam avistar na imensidão do lugar, prontamente, se configurou um tapetão de tons verdejantes de matas e de serras, além das extraordinárias formações rochosas que também fazem parte na composição do ambiente do Parque Nacional Serra da Capivara.

Quando ocorreu a possibilidade de integrar o grupo que iria a Expedição Acrobatas da Serra da Capivara no estado do Piauí a maioria das pessoas já estavam de malas prontas. Soube do evento, num primeiro momento, por intermédio da Edith, sobrinha da Cristina, no decorrer de uma conversa

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

contagante quando estive em São Paulo, depois obtive maiores informações com as explicações pontuais da Inambê, amizade que teve início na academia,



sobre a dinâmica do universo circense, os procedimentos pedagógicos no espaço Juriti e a expedição e por fim, a Cristina Diôgo coordenadora do Instituto de Ecocidadania Juriti, reforçou com o convite numa frase vigorosa ‘venha você é bem vinda’ e pode preparar uma proposta de atividade, pois será muito legal.

Assim sendo, lá fui eu..., levando para além da mala de viagem, expectativas múltiplas de pensamentos advindos do antigo desejo de conhecer o importante celeiro histórico que a céu aberto preserva verdadeiras relíquias do denominado período “Pré-histórico”. Imbuída pelo anseio de querer saber um pouco mais sobre o lugar realizei uma breve pesquisa pela internet onde encontrei o poema de José Anchieta Valente Neto que sinaliza em versos as maravilhas do local

No quintal do meu Piauí
Há um lugar de beleza sem igual
Onde mora a onça, a capivara e o jabuti
O qual esplendor reluz de maneira especial

Repleto de riquezas naturais
Onde vivem e cantam os animais
Paredões enormes de um tempo teórico
Conhecido pelos cientistas como tempo pré-histórico

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Lá também existe um boqueirão, com nome de Pedra Furada
Lugar onde o primeiro homem das Américas habitou
Provando aos "gringos" que não é somente lá que o antigo homem fez morada
Mostrando ao mundo que a mão de Deus por aqui também passou

Cercado por mais de duzentos sítios arqueológicos
Onde o homem e a natureza ficam cada vez mais próximos
Riquíssimo em flora e fauna
Seja bem vindo a Serra da Capivara

Com efeito, os versos do poema revelam a diversidade da fauna, das riquezas naturais e dos sítios arqueológicos que como um caldeirão de porções mágicas que realimentaram todos os momentos vivenciados na expedição, dentre as experiências saliento a visita ao parque, a palestra da arqueóloga Niède Guidon e o espetáculo circense que irei, de maneira breve, descrever a seguir.



O Parque Nacional Serra da Capivara tem vários circuitos, isso facilita a escolha dos passeios, os roteiros podem ser realizados de acordo com os interesses pessoais ou do grupo. Fizemos alguns percursos dos circuitos do Boqueirão da Pedra Furada e do sítio do meio, sendo que visitamos o sítio do Boqueirão da Pedra Furada, também, numa maravilhosa noite de lua cheia. Não tem como ficar imune a atmosfera envolvente do lugar que ampliou meus sentidos exigindo um olhar mais atento que a cada trajeto desvelava um novo detalhe da arte rupestre, da vegetação típica da região denominada caatinga ou do horizonte de onde se pode admirar uma vista surpreendente.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



O Museu do Homem Americano que fica em São Raimundo Nonato é uma instituição contemporânea que retrata a história do homem pré-histórico até o início da colonização feita pelos europeus. A exposição permanente, o recurso multimídia e interativo funciona como instrumento de aprendizado para os visitantes. No dia da visita tivemos o privilégio de poder contar com a presença da arqueóloga Niède Guidon que nos recebeu com muita simpatia e contemplou, generosamente, a todos com relatos das suas experiências profissionais e pessoais.



A preparação da proposta do espetáculo do grupo de jovens teve no processo de elaboração várias atividades coordenadas por duas facilitadoras Alice Viveiros de Castro atriz, escritora e pesquisadora que realizou rodas de

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

conversas e orientou o laboratório de criação da trilha sonora e os treinos de acrobacias com execuções de movimentos diferenciados e improvisações e Inambê Sales pedagoga e mestra em Educação pela UFC conduziu com práticas lúdicas o resgate dos diferentes pertencimentos do ser e suas sensações por intermédio dos cinco sentidos, além de perceber a si, ao outro e o entorno. Como convidada, apresentei uma interpretação a partir do aspecto formal entre a arte rupestre observada nas visitas e os diferentes padrões decorativos que correspondem a representação gráfica da força vital, entendida como a circularidade da vida, onde tudo é sagrado e está em interação. Como resultado final do conjunto das intensas atividades o grupo de jovens apresentaram um espetáculo circense no anfiteatro que fica no sítio arqueológico da Pedra Furada.



Quero ressaltar, também, que o convívio harmonioso entre os participantes da expedição certamente contribuiu para a troca intensa e interessante de saberes diversos que ocorreu em diferentes momentos, como, por exemplo, a noite do Cabaré Circense neste espetáculo os jovens foram os protagonistas idealizaram, produziram e apresentaram meu coração ficou cativo por conta do carinho com que eles prepararam tudo e da luz especial de cada um.

Certamente, esta viagem foi muito peculiar, pois fez sobressair ainda mais minha espontaneidade e liberou a criança que se fez presente em determinados lugares e momentos essa criança brincou com o sim, o não e o talvez deixando se levar pela certeza que a vida é bela, por que... Todos os dias têm alegria? Tem sim senhor.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Senhores do riso, do bom humor, da alegria e da simpatia reconheço meus limites em discorrer sobre a extraordinária abrangência que foi estar com vocês. Alguns dos intensos momentos se fizeram presente neste breve relato, mas seguramente as experiências sensoriais do alvorecer de cada dia e os aprendizados vivenciados nas interações com as pessoas do grupo terão desdobramentos profundos que certamente irão somar aos meus valores e posturas ante a dinâmica da vida.



DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Programação Expedição Acrobatas da Serra da Capivara



“ Todas Trilhas Caminham para a gente se achar....”

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado
mas faz parte do processo da busca
Ensinar e aprender
não pode dar-se fora da procura
fora da boniteza
e da alegria
gente miúda
mas gente em processo de busca
gente formando-se
crescendo...
é com gente que lido...
não com coisa
se porque lido com gente
não devo negar a quem sonha
o direito de sonhar.”Paulo Freire*

TRILHANDO A GENTETUDE CIRCENSE

Dia 07/05/2011

Manhã e tarde – Acolhimento: chegada dos integrantes da Expedição – credenciamento e distribuição de material.

Noite – Abertura

Roda de diálogo entre todos os participantes e representantes do Museu e do Pro Art

Apresentação de números circenses

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Dia 08/05/2011 –

Manhã –

8:00 - Momento Bússola

10:00 – Roda de Diálogo com Alice Viveiros – a pesquisa

Tarde

14:00 – Oficina de Acrobacia de solo

Noite

20:00 – Exibição de Filme

Laboratório de Criação da Trilha Sonora

História da expedição em retalhos

(Oficina de bordados com Mestra Fanca)

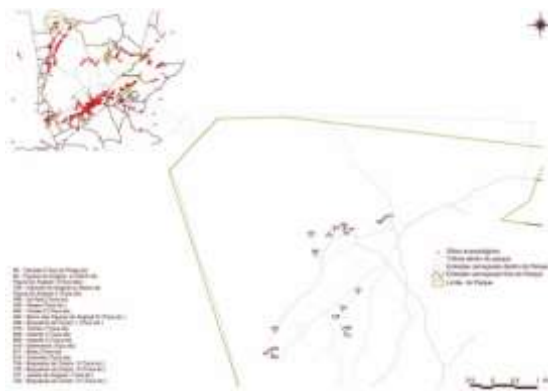


Dia 09/05/2011

Manhã

8:00 - Momento Origem – Caminhos Dialogados

Trilha 1



Tarde

14:00 – Oficina de Acrobacia de solo

16:00 – Roda de Diálogo com Alice Viveiros – preparação do Espetáculo

Noite - Exibição de Filme

Laboratório de Criação da Trilha Sonora

História da expedição em retalhos

(Oficina de bordados com Mestra Fanca)



DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Dia 10/05/2011

Manhã

8:00 - Momento Expedições interiores

Trilha 2



Tarde

14:00 – Oficina de Acrobacia de solo

16:00 – Roda de Diálogo com Alice Viveiros – preparação do Espetáculo

Noite – Exibição de Filme

Laboratório de Criação da Trilha Sonora

História da expedição em retalhos

(Oficina de bordados com Mestra Fanca)

Dia 11/05/2011

Manhã –

8:00 – Momento Abrindo Caminhos – A montagem do Espetáculo

Tarde

14:00 – Oficina de Acrobacia de solo

16:00 – Roda de Diálogo com Alice Viveiros – Montando o espetáculo

Noite – Exibição de Filme

Laboratório de Criação da Trilha Sonora

História da expedição em retalhos

(Oficina de bordados com Mestra Fanca)



Dia 12/05/2011

Manhã

8:00 – Momento Continuando Abrindo Caminho – Ensaio do Espetáculo

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Tarde

14:00 – Ensaio do Espetáculo

16:00 – Roda de Diálogo com Alice Viveiros – avaliando o espetáculo

Noite

Exibição de Filme

Laboratório de Criação da Trilha Sonora

História da expedição em retalhos

(Oficina de bordados com Mestra Fanca)

Dia 13/05/2011

Manhã

8:00 – Momento de Celebração

10:00 – Ensaio do Espetáculo

Tarde

14:00 – Ensaio do Espetáculo

16:00 – Roda de Diálogo com Alice Viveiros – avaliando o espetáculo

Noite – Apresentação de Espetáculo para a comunidade do entorno do Parque

Dia 14/05/2011 –

Manhã

8:00 horas – Momento de reflexão – roda de diálogo avaliativa da Expedição e agenda de ensaios programados entre os projetos participantes. Elaboração de Mensagem a RCMBR propondo a inclusão do espetáculo nos ensaios gerais do Soleil em todo Brasil.

Almoço festivo – encerramento

Tarde

14:00 – Regresso aos locais de origem



DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Expedição Acrobatas da Serra da Capivara: um resgate da ancestralidade nos processos educacionais artísticos, estéticos e transformadores do circo social

Inambê Sales

É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com críticas. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional.
Paulo Freire



Ousar é uma das pretensões deste texto ao registrar a experiência educacional desenvolvida no Picadeiro Político Pedagógico - PPP, com os momentos de diálogos e vivências desencadeadas neste projeto impetuoso, construído e viabilizado pelo Instituto de Ecocidadania Juriti – IEJ. Nomeado por Expedição Acrobatas da Serra da Capivara, realizou uma expedição na cidade piauiense São Raimundo Nonato, ao encontro das pinturas rupestres, que facilmente podem ser interpretadas como movimentos acrobáticos por um olhar circense. Tínhamos como objetivo com este encontro ancestral, instigar e desabrochar a criação de um espetáculo circense.

Diante deste objetivo central, muitos outros desafios e experiências educacionais estavam postas, porém, antes, gostaríamos de compartilhar a nossa compreensão de experiência ao comungarmos com o Larossa ao afirmar que,

(...) é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2002, p, 25).



Se já temos como consenso que as experiências e as práticas educacionais que desenvolvemos nos picadeiros dos circos escolas sociais brasileiros são processos educacionais inovadores, imaginem adaptá-las para proporcionar encontros subjetivos e objetivos significativos com a nossa ancestralidade. Realmente seria impossível que nada nos passassem, nos acontecessem, nos tocassem, nos ocorressem. Principalmente porque acreditamos que quem faz educação social circense no Brasil compreende e defende – assim como afirma o Paulo Freire – que,

(...) experiências e práticas não se transplantam, se reinventam, se recriam. [...] Tu terás que reinventar e não só tu como sujeito da reinvenção, mas o outro com quem tu te encontras. No fundo, viver é recriar. É por isso que a recriação já não é mais nem viver, já é a existência. (FREIRE, 2004, p. 70)

Com esta certeza que seríamos tocados, reinventados e recriados nas nossas existências e práticas, seguimos dialogicamente criando as nossas ideias e propostas educacionais destinadas aos momentos do PPP. Com as expectativas nos transbordando, lotamos as nossas malas de possibilidades

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

educacionais, dentre elas: diários de campos; canetas, bússolas; chaveiros; aparelhos circenses, músicas, filmes temáticos, dentre outras que fomos encontrando e agregando nos nossos processos educacionais, como por exemplo: a argila e as areias coloridas das trilhas que realizamos ao encontro das pinturas rupestres.

Realizamos nos momentos destinados ao PPP, círculos dialógicos fundamentados em Paulo Freire e vivências fundamentadas na Educação Biocêntrica do Rolando Toro. No primeiro círculo dialógico entregamos diários de campos para os educadores sociais com a proposta e desafio de realizarem registros de todas as experiências e aprendizados obtidos na expedição, assim como as ideias e sugestões para o nosso espetáculo e as respostas das atividades propostas no PPP.



Nos processos educacionais do Picadeiro Político Pedagógico, construímos metodologias educacionais abertas, onde temos como base apenas o que desejamos trabalhar e o início metodológico dos processos educacionais. Compreendemos que estes processos educacionais só fazem sentido se todos os participantes conseguem se sentir parte deles, inclusive transformando os mesmos. Neste sentido, trabalhamos com atividades que sugeriram atividades subjetivas e também construídas coletivamente, onde normalmente convidávamos os jovens a construírem acrobacias circenses para representar o que tínhamos proposto e vivenciados.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Como exemplo desta proposta, vamos descrever algumas das metodologias realizadas na expedição. Num círculo dialógico entregamos uma bússola para cada educador e perguntamos quem conhecia e poderia explicar o que era e qual era a utilidade daquele objeto, para a nossa surpresa poucos jovens sabiam o nome e não quiseram explicar a sua utilidade. Após alguns diálogos onde construímos juntos os entendimentos da utilidade da bússola, iniciamos a relação entre este objeto e as nossas vidas, as nossas escolhas e as construções dos nossos caminhos pessoais. Recomendamos ao final do diálogo, a utilização da bússola na expedição e sempre que possível parar para pensar se os caminhos que eles estão escolhendo nas suas vidas vão levá-los a conseguirem os seus desejos e projetos de vida.



Com a argila vivenciamos um momento lindo, único, que nos faz lembrar o poeta Manoel de Barros (2000) quando diz, “eu sou muito dominado pelo primitivo, o primitivo é quem manda na minha alma, mais do que os olhos. [...] eu não acho que seja pelo olho que entram as coisas minhas, elas não entram elas vem, elas aparecem de dentro, de dentro de mim”. Iniciamos construindo uma roda de embalo, onde embalamos um pouco o nosso encontro, seguimos formando grupos com quatro jovens e pedimos para sentar e em silêncio massagear do joelho para baixo as pernas com a argila, neste momento pedimos que fechassem os seus olhos e ao tocar os seus pés lembrassem os seus passos, as suas escolhas até aquele momento das suas vidas.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Na sequência, ainda de olhos fechados e em silêncio, pedimos para que ao centro dos seus pequenos grupos, tocassem e massageassem com a argila, as mãos indiferenciadas, lembrando os encontros e as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram com os seus passos e escolhas. No terceiro momento da vivência sugerimos, ainda de olhos fechados e em silêncio, realizassem com a argila uma expressão/maquiagem no seu rosto, representando as marcas e expressões adquiridas na e com a vida, após este momento pedimos para eles abrissem os seus olhos e escolhessem nos seus grupos outra pessoa para maquiar e deixar ser maquiado, e neste momento em silêncio, relembramos a importância do encontro com outras pessoas nas nossas vidas e o quanto estes encontros podem modificar as nossas vidas.



Após este momento construímos uma roda e iniciamos silenciosamente uma caminhada onde encontrávamos o outro apenas pelo olhar, ao final passamos com um espelho para que cada um pudesse ver as suas expressões de argila, ao final desta vivência, fomos juntos construir uma dança ancestral trabalhando

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

a identidade e na sequência os jovens foram construir acrobacias que simbolizaram este sentimento ancestral, neste mesmo dia passamos o filme a Guerra do Fogo. No outro dia, realizamos um círculo de diálogo para relembrarmos o que vivemos, sentimos, percebemos e conseguimos relacionar com o filme. Escutamos e falamos sobre sentimentos, processos culturais humanos e ainda construímos ideias para a maquiagem e os movimentos corporais para o nosso espetáculo.



Abordagens educacionais como estas que foram criadas e desenvolvidas especificamente para a Expedição Acrobatas da Serra da Capivara nos fazem reconhecer e defender que,

(...) as culturas do povo não existem como “coisas feitas”, como um estado de, prontos, atrasados e acabados, sobre o qual o educador atua como o restaurador que recupera com outras cores o que sobrou de um velho quadro, obra de um pintor morto. [...] aquilo que parece ser um conjunto mais ou menos fragmentado de conhecimentos, arte, tecnologia rústica, sistema de crenças, mitos e rituais é, ao contrario, uma ativa estrutura social de produção simbólica que a cada dia de muitos modos se reproduz a si mesma, criando e recriando, preservando e modificando, fazendo circular entre uns e outros, através de redes de pessoas, grupos e instituições populares, tudo aquilo que pessoas reais, em situações concretas, fazem através de seus trabalhos culturais. (BRANDÃO, 2002, p. 92, 93).

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



E realmente nos faz ver que “educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. (BRANDÃO, 2002, p.26). Proporcionando ainda a compreensão que “ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (FREIRE, 2004, p.268). Neste sentido, não temos como afirmar que os caminhos trilhados por estas escolhas e processos educacionais desenvolvidos nestas experiências, são as mais adequadas, na realidade queremos apenas continuar respondendo positivamente ao poeta quando pergunta: *Possui este caminho um coração? Em caso afirmativo o caminho é bom, caso contrário, esse caminho não possui importância alguma* (CASTAÑEDA, 2007).

Roda de diálogo com Niède

Desculpe agora à tarde, mas hoje foi assim Brasília me chamando, o telefone atrapalhou, não deu pra eu vir pra cá às quatro horas, então eles já viram o parque, já viram o museu, então vocês estão conscientes da importância disso tudo aqui e que vocês tem que pensar em que há milhares de anos atrás já havia pessoas que viviam aqui e que viviam de uma maneira completamente diferente da de hoje. Populações que viviam aqui sem violência, sem medo, sem diferenças. Todos viviam a mesma vida, todos se divertiam muito, porque vocês veem nessas esculturas, todas assim representações deles com traços por cima, você não vê nada daqui que hoje estamos vivendo, e eu acho que vocês que são jovens é que tem que ver tudo isso e ver qual é a realidade disso que nós chamamos de civilização.

Toda essa parafernália que nós temos e tudo que o homem foi inventando, na realidade pra que? Na realidade pra fazer com que todos nós hoje temos que comprar roupa, carro, temos que pagar isso, pagar impostos, fazer tudo isso pra quê? Eles viviam sem dinheiro, nós inventamos o dinheiro pra quê? Para algumas pessoas terem muito dinheiro e fazer todas as outras viverem gastando para conseguir comprar isso, aquilo, fazer isso e aquilo. Pra que isso? E temos que pensar o seguinte: esses índios que chamamos, que aqui viviam, essas tribos, por exemplo: o chefe de uma tribo, ele era escolhido porque ele era uma pessoa inteligente, que ele conhecia muito e podia então levar todos pra frente, todos passando bem. Ninguém com fome, ninguém com problemas, mas ele não era pago pra isso.

Hoje em dia nós pagamos a todos que são nossos não diria chefes, mas governadores, presidentes. Todos eles recebem para fazer as leis, pra dizer que nós temos que fazer tudo isso, mas eles, eles fazem o que querem e criamos então na espécie humana sociedades nas quais vocês veem aqueles que têm o poder e amassem os outros e que inventam qualquer coisa, falam qualquer coisa, falam qualquer bobagem e aí os outros vão atrás e uma das coisas que eu com a minha idade vejo a diferença e hoje até eu assistindo o

Jornal Nacional, tinha uma senhora dando uma entrevista, é, eu sei que ela tinha 80 anos, é uma artista, ela estava falando da decadência do teatro no

Brasil, e o que ela dizia: ela dizia que o principal de tudo isso é que a educação pública, educação primária, secundária no Brasil já foi dissemente que eu fiz hoje foi completamente destruída, foi destruída pela Ditadura Militar. Eu também fiz escola pública, eu nunca fui a uma escola particular, mas as escolas públicas eram muito melhores que as particulares. A gente dizia que a escola pública era pra gente inteligente, escola particular era para os burrinhos ricos e com o conhecimento nós podíamos discutir. Na minha época os alunos das universidades, todos manifestavam aos professores quando o governo fazia alguma coisa errada, todo mundo ia pra rua dizer esta errado, não se pode fazer assim. Aí vieram os militares, esmagaram a escola e depois mais nenhum presidente do governo civil voltou a dar a você uma escola boa. A escola de hoje é uma escola deficiente, vocês não vão aprender como eu aprendi, e porquê? Quando eu estudei, quando eu era moça, era estudante. Nós tínhamos que estudar inglês, francês, espanhol, latim, grego, geometria, filosofia. Depois tiraram tudo isso como se vocês fossem débil mentais, que não pudessem aprender isso, mas porque eles fizeram isso? A gente pode lutar pra ter um país digno.

Aqui se assistem coisas terríveis, discussões e brigas por causa de um aumento de cinco reais no salário mínimo e daí aumentam o salário de deputados, senadores, presidentes, governadores. Porque isso? E ninguém faz nada, não era muito mais justo se dá um aumento maior ao salário mínimo, do que pra todos esses que já tem carro, motorista, empregados, a casa, tudo, o governo. O governo somos nós que pagamos nossos impostos. Então eu acho que vocês têm que pensar que se isso continuar vocês não vão ter a possibilidade de aprender como eu aprendi, toda a história da terra, do universo, do mundo. O que aconteceu nos diferentes países, como foi que o homem foi evoluir, como foi que ele lutou, como ele fez obras de artes fantásticas. Isso é outra coisa que essa senhora dizia hoje: nós não temos mais, grandes escultores, agora esta tudo limitado por que? Porque não estão

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

dando a vocês a educação tornando adultos capazes de fazer fácil a vida e se nós não dermos as novas gerações essa educação isso eu acho que não vai ter um rumo muito feliz, porquê? Se vocês não sabem, tudo que há de belo em mim, tudo o que se pode fazer de bonito, o que é a vida de vocês, o que é o significado dessa vida e tudo isso é o que vocês têm que lutar. Vocês têm que pensar que pra se chegar a ser um grande escultor, um grande escritor, um grande arquiteto, para ser um grande dançarino, um cantor, uma cantora, tem-se que aprender. Essas coisas não caem da gente assim... e é isso que vê que hoje não se existe mais. Eu não sei! Hoje ainda tem curso de música na escola? Antigamente tinha. Nós estudávamos um curso e eu acho que isso não nos deixava infeliz, pelo contrário, me deu forças para eu entrar na vida e ir pra frente. Agora vocês vejam, eu fiz a escola pública no Brasil, depois fiz a Universidade de São Paulo, depois fiz arqueologia em Paris, depois eu era professora aqui na Universidade de São Paulo quando houve o golpe militar e eu tive que ir embora para a França. Eu cheguei na França, fiz concurso com prova escrita, com prova falada, com áudio e francês. Se eu não tivesse aprendido na escola pública eu não teria passado. Passei assim, em primeiro lugar e os professores disseram você tem uma excelente formação de base. E hoje o que diria? É uma coisa vergonhosa....

Palestra na íntegra no canal Juriti - <http://www.youtube.com/user/canalJuriti>

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

DIÁRIO DE BORDO



O diário de bordo possibilitou que jovens artistas circenses vindo de escolas de circo social registrassem suas descobertas, suas construções, suas emoções e seus percursos na Expedição Acrobatas da Serra da Capivara.

Criamos uma moeda circense de incentivo a escrita durante toda expedição: cada jovem recebeu um caderno (diário de bordo) e foram orientados a descreverem diariamente tudo que foi vivido. No final da expedição os cadernos foram recolhidos e quem de fato cumpriu rigorosamente a tarefa recebeu um trio de claves e um trio de bolinhas doados gentilmente por nosso parceiro JR. Malabares. Vale destacar que todos foram contemplados, todo mundo escreveu.

Apresentaremos aqui depoimentos de momentos em destaque de cada diário de bordo. A todos uma boa viagem ao universo da Serra da Capivara.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Pegadas de POLIANA FREIRE DE ANDRADE do Circo Social Canoa Criança



Objetivo da Expedição:

- Montar um espetáculo a partir da função das experiências de cada instituição e das pesquisas sobre a descoberta dos desenhos rupestres que se assemelham com acrobacias.

08/05/2001(1º dia)

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Roda de diálogos pela manhã

Na roda forma combinados propostas e acordos. Entre eles:

- Pontualidade;
- Respeito;
- Educação;
- Compromisso;
- Gentetude;
- Solidariedade;
- Limpeza;
- Organização;
- Preservação;
- Amizade;
- União;
- Tolerância;
- Diálogo;
- Disciplina;
- Segurança

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Após a roda, fomos para o Albergue, almoçamos, descansamos e às 19:00 horas fomos para a vivência com a Alice (diretora do espetáculo).

09/05/2001 (2º dia)

Pela manhã fomos fazer uma trilha para conhecermos os desenhos rupestres e apreciar a beleza da Serra da Capivara. Fomos divididos em grupos de oito pessoas, cada grupo com um guia que nos esclareceu algumas dúvidas sobre a Toca do Pajeú.



DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

As 15:30 horas, vivência com Alice. A noite, roda de diálogos.
Bússola: aparelho que indica direção e sua localização.
Estamos na região Nordeste, sul do Piauí, na cidade de Cel. José Dias, no distrito de Brumadinho, no Albergue da Serra da Capivara.
No Albergue existe uma fábrica e uma loja de cerâmica, malharia, restaurante e horta orgânica.
*antropoformas – figuras de antropomórficas pessoas.

10/05/2001(3º dia)

Ensaio e treino pela manhã. Fizemos a trilha. À noite assistimos um filme cujo nome era Guerra do Fogo.

Um filme que abordava como o homem vivia há milhares de anos. O que mais me chamou atenção no filme foi a maneira como eles andavam, meio curvados e como lidavam com o fogo. Eles priorizavam o fogo, afinal era com ele que eles se aqueciam e preparavam comida. A questão do sexo também foi muito abordada. Nos ajudou a compreender como era difícil sobreviver naquela situação, era uma vida simples, sem luxo, sem conforto... Mas, mesmo assim com toda aquela brutalidade eles tinham sentimentos. Quanto a isso nada mudou. Somos todos seres humanos.

11/05/2001(4º dia)

Treinamos pela manhã e à tarde também. À noite descansamos.

12/05/2001(5º dia)

No decorrer do dia treinamos bastante.
Palestra com a pioneira da descoberta das figuras rupestres na Serra da Capivara, a Arqueóloga Niède Guidon.

13/05/2001(6º dia)

Treinamos o esboço do espetáculo e depois fomos para o anfiteatro na Pedra Furada. Nos vestimos e passamos o espetáculo que não foi lá o mais sincronizado, mas foi lindo e como diz o Jordan “Arrasamos”. No final teve um discurso do nosso, vamos dizer assim Francisco! Foi emocionante, algumas pessoas até choraram, inclusive eu!

Nessa semana em que estive na Serra da Capivara, convivendo com pessoas que até desconhecia, eu aprendi muito. Aprendi a ser mais companheira, mais solidária, mais amiga...

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Me diverti muito com todos! São esses momentos bons que se tornam inesquecíveis.



Roteiro do Espetáculo

Música ambiente, mata.

- 1- Jovens atuais – Batidão.
“E aí eu tô de bem, eu só tô te dando um toque pra você ficar também”.
Saem de cena.
- 2- Jovens índios entram, dançam e fazem contorção.
- 3- Encontro e conflito entre os índios e jovens atuais.
- 4- Luta e encontro entre Poliana e Hugo, que se encaram. Edvaldo e Lucas se tornam amigos.
- 5- Os grupos arrastam o casal, tentam separa-los, mas os mesmos fogem.
- 6- Paz de Deus ao som de Lua Morena.
- 7- Momento de pintura ao som de Mulher da tinta.
- 8- Malabares – pedras e bolinhas
- 9- Diabolô
- 10-Figuras acrobáticas
- 11-Malabares- claves
- 12-Charivarei e fogo ao som de Tupi do Piauí.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Música em Tupi

Em Tupi a barriga
Matar a fome
Em Tupi a cabeça
Matar o homem
Em Tupi a verdade
Vencer o mal
Em Tupi de coragem

Vencer na final

Tupi do Piauí
Urucu
Urucum
Parnaíba
Poti

Peixe piau morreu de sede
Bicho do mal morreu na rede.

Pegadas de Edval Silva Alves

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Hoje estou muito alegre porque estou no museu do Homem americano. Está acontecendo um encontro com alguns grupos circenses, mas agora não somos mais vários grupos, somos um grupo grande com um só objetivo. Realizar um grande e maravilhoso espetáculo.

Estou ao lado de uma mulher maravilhosa, de uma personalidade imensa, Inambê.

Voltamos para o albergue onde estamos hospedados e lá conheci a mulher que eu nunca tinha visto. Ela é muito legal, é muito extrovertida, Alice.



Hoje nós fomos fazer trilha e foi maravilhoso. Eu descobri muitas coisas superinteressantes como a toca da entrada do Pajeú, lá eu vi desenhos rupestres, tem figuras que estão um pouco apagadas porque as rochas estão se decompondo. Eu vi umas manchas pretas. Eu acredito que essas manchas são vestígios de fogo, vi também pequenos animais.

Descobri que os desenhos rupestres são interpretativas, pinturas interpretativas e que mostram algo como acrobacia, desenhos que significavam danças rituais, caça e muitas modalidades circenses.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



10-05-2011



Hoje foi o segundo melhor dia da minha vida, eu vi coisa deslumbrantes, paisagens maravilhosas, me diverti a bessa, vi mais figuras rupestres, vi

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

também uma coisa que me chamou atenção. Um desenho que me fez lembrar contagem, exemplo: A pedra furada.

11-05-2011



Ontem fui ao coração do parque. Lá eu conheci a toca do boqueirão da Pedra Furada e a toca da fumaça. Lá eu vi vários desenhos rupestres. Foi uma aventura, foi mais bonito de se ver a noite e fiz um vídeo falando das figuras rupestres.

Quando eu cheguei à Serra da Capivara não acreditava que os nossos antepassados tivessem escrito as figuras rupestres, eu achava que era malícia do pessoal da cidade para atrair turista, mesmo vendo as figuras pensava que nosso antepassado não tinha essa inteligência artística, mas quando entrei no museu fiquei fascinado, aí mudei de ideia e passei a acreditar em tudo e me interessei a conhecer mais sobre esse assunto. Mas não vou ficar tão fascinado, não vou esquecer meu objetivo aqui.



Lá no museu conheci Niède Guidon, ela é uma mulher que criou o museu e o albergue.

No final do dia tava tão inspirado, que fiz essa música em homenagem a Cristina Diôgo, que idealizou e buscou caminhos para realizar a expedição, para Inambê e Alice que estão acompanhando nosso processo de pesquisa e

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

coleta de material para a montagem do nosso espetáculo “Acrobatas da Serra da Capivara.

CIA

Cristina
Inambê
Alice

Solte o som! Solte o som!
Que ninguém vai esquecer
Solte o som! Solte o som!
A CIA todos vão querer
Estamos todos juntos
Na Serra da Capivara, juntando tudo
Aqui a alegria nunca para
Vou logo te dizendo
Que é assim que eu sou
Vamos meus amigos
Preparar o nosso vôo
Voando lá no alto da imaginação
Fazendo acrobacia
Tirando os pés do chão
Desafiando a Lei da gravidade
Segundo os nossos ancestrais
A humanidade

Só faz poucos dias, mas parece muito tempo. Estou com muita saudade de casa, aqui é muito bom, mas não tem nada melhor do que o lar da gente.

O espetáculo é amanhã, estou muito ansioso, estou muito feliz. Conhecer a Serra da Capivara foi muito gostoso. Gostei de todo mundo. A comida era uma delícia. Aprendi a fazer cerâmica. Os dias estão muito corridos e muito cansativos, mas está sendo ótimo.

Eu gosto muito de Inambê, ela está sempre me colocando pra cima, sempre me elogiando. Ela me passa muita confiança, muita alegria. Resumindo, AXE significa tudo de bom.

Uma coisa que eu não gostei foi uma brincadeira sem graça, mas eu já me entendi com eles. Outra coisa que eu não estou gostando é que eu não estou andando muito com Hugo, a gente discutiu várias vezes, eu disse coisas que ele não queria ouvir.

Já é noite, acaba o espetáculo. Foi muito corrido, no improviso. Alice gritando e foi uma bagunça, mas foi uma bagunça bonita de viver e fazer. O roteiro não foi muito bom.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

1 – os dias de hoje

2 – os índios

Depois a luta, depois contorção e em seguida aro humano, peixinho e pirâmide, depois diabolô, depois pedra bolinha, claves, acrobacia, todo mundo – final fogo.



RESUMO DE TUDO

Todos esses dias que eu passei na Serra da Capivara foi uma experiência de vida muito boa, até pelo fato de que eu não gostei de alguém ou de alguma coisa que me disseram.

Todos aqui são ótimos, mas alguns não mostraram interesse. O pessoal da recepção daqui são muito carismáticos. Tudo aqui é bom, a comida, o ambiente, o ar puro, os vegetais, as rochas, as pinturas rupestres etc...

Sobre as palavras combinadas na oficina de noite acho que não foram postas em prática.

O espetáculo não foi como eu imaginava, foi completamente diferente. Eu senti que foi muito difícil para Alice, porque algumas pessoas não facilitavam no trabalho. Apesar de que tivemos pouco tempo, isso não é desculpa. Se a gente tinha pouco tempo aí é que deveríamos mostrar interesse e ajudar. Enquanto Alice tentava explicar, outras pessoas atrapalhavam.

Eu admiro muito Alice, assim ela teve paciência pra caramba, apesar dela ser uma pessoa muito pontual. Nós não mostramos pontualidade para ela.

O Lucas tirou a paciência dela até a ultima gota. Ela afastou ele um pouco mais, ela mostrou muita paciência com ele e ele não entendia o que ela estava

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre
dizendo. Mas, apesar de tombo a queda. Conseguimos fazer um improviso muito desorganizado e bonito.



O CABARÉ

O meu primeiro cabaré circense foi muito bom eu dancei mais Arlesson e Lucas e Hugo foi o DJ.



Pegadas de JORDON – Escola de Circo Social Pé de Moleque

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

O circo é uma coisa muito legal, só que o circo é igual a droga, serve para o bem e a droga serve para o mal.

Eu, Jordom, falo não sei o que essas pessoas vêm na droga, porque eu não vejo nada. Circo é igual à droga, só que circo é para o bem e a droga é para o mau gosto muito do circo, que o circo sem mim não é circo e o circo comigo é um circo com letras maiúsculas.

Agradeço a Gilza, Cristina e outras pessoas por essa oportunidade. Obrigado gente.

07/05/2011 - TOCA ENTRADA DO PAJAÚ

Listas com cuidado

1º- Tome cuidado com degraus

2º- Pesquisa sobre os acrobatas de mais de 27.000 mil anos

3º- Se esses desenhos fossem como uma tatuagem, os índios e acrobatas que ficam iguais a uma tatuagem

4º- Eu vi umas pegadas de um bocó, é um animal de espécie igual a um preá

5º- A pessoa não pode ultrapassar a cerca, corre algum perigo de alguma coisa como uma preguiça gigante que era uma ave mal que tinha mais de oito metros e o seu peso era equivalente a cinco mil quilos, que os acrobatas faziam a quarta altura para dominar a preguiça gigante. Eles faziam fogo com as rochas, por isso as rochas ficaram queimadas. Também existem novos tipos de rochas que eram os seixos. quando chove uma piscina tipo uma fonte enche de água.

Bachão da vaca

Os acrobatas fazendo ritmo da capoeira.

Virtual

Encontramos uma letra para o início de uma pintura. Nós descobrimos uma mulher fazendo contorção, descobri dois homens andando de monociclo e um fazendo parada de mão.

Aqui tem horta orgânica, que vem os alimentos que fornece o sítio.

Estamos no Nordeste, na Serra da Capivara, no sul do Piauí, na cidade de São Raimundo Nonato.

10/05/2011

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Antropofornas

É ave de luta em forma de lata, sexo.

Hoje foi ótimo. Subimos na pedra, muito bem alto. Vimos a famosa Pedra Furada e conhecemos mais os animais. Foi muito divertido, muita adrenalina. Pretendemos conhecer mais a Serra da Capivara, porque é muito legal. Que hoje foi um dia especial. Gostei muito da Serra da Capivara e pretendo vir aqui mais vezes. Pra completar o meu dia só falta ouvir meus pais.

Como sempre, nós temos que ter nosso espetáculo para poder apresentar pra gente poder arrasar, para que todo mundo goste do nosso espetáculo, com muita fé em Deus com certeza iremos arrasar. Muita gentileza, amor, paz etc... Vamos fazer muitas coisas hoje como o espetáculo, almoçar, treinar um pouco e praticamente curtir um sono. Quando acordar vamos fazer acrobacia com Alice Viveiros.

11/05/2011

Lá foi muito legal com a Arqueóloga. Quando aqui tem três solos, com a fogueira passa cinco anos, tem outro solo e os cinco anos tem outro solo e os outros cinco anos tem outro solo.

12/05/2011

Entupir a cabeça matar o homem
Entupir a cabeça matar o homem
Entupir de coragem vencer o mal
Entupir de coragem
Do pé de Piauí urucu

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Urucu Parnaíba pote
Pam, bam,bam, pam, bam, bam, pam, pam
Do pé do Piauí urucu urucu
Parnaíba pote

Na Serra da Capivara foi muito legal, muito divertido, que foi muito legal. Foi ótimo que eu gostei muito e também me diverti muito. Quando olhamos a Pedra Furada foi muito legal, eu adorei a viagem.

13/05/2011

Hoje fizemos uma apresentação que eu gostei muito, adorei aquela apresentação, gostei muito quando fizemos a terceira altura. Eu senti que ganhei muita adrenalina.

14/05/2011

Hoje foi muito legal, eu gostei muito porque a gente fez um cabaré 1que cada pessoa de circo tem que apresentar e quem não apresentar não é de circo. Nós vamos entregar as claves e bolinhas que eu tenho certeza que vai ser muito legal.

Me diverti muito, completamente, claro que eu estou sentindo falta da minha mãe. Só falou isso: Mãe, eu te amo!
O coração não enxerga com os olhos, ele enxerga com o amor.
Aqui, na Serra da Capivara foi muito legal.

14/05/2011

POEMA

1º O coração não serve para enxergar, serve sim para amar.
2º: Todo mar tem peixe, todo peixe tem escamas e quem pegar nesse caderno é sinal de que tem amor
3º: Vamos, vamos minha gente que uma noite não é nada, daqui a meia hora já vai ser de madrugada
4º: Todo rio tem peixe, todo mar tem camarão
5º Quando olho pra cigarro sinto um pouco de dor, quando olho para as meninas sinto um pouco de amor.

Pé-de-moleque aqui

A gente se fortalece
Vou mandar uma rima pra vocês três
Que são Alice, Cris e Inambê
Quando eu olho para essa serra
Que eu vejo lindas terras
Quando faço com ação
Sinto o meu coração

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

O meu nome é Jordom. Eu adorei a viagem para a Serra da Capivara. Aprendi várias coisas como pesquisar os artistas de mais de 27.000 anos aqui na Serra da Capivara. Quero saber mais sobre a Serra da Capivara, sobre a Pedra Furada e muitas curiosidades, porque eu agradeço a Gilza e a Cristina por essa ótima oportunidade. É muito importante pra mim e pra meus estudos porque a Serra da Capivara é muito interessante. A gente tem que falar mais da Serra da Capivara, saber as características.

Música

14/05/2011

Eu sou criança doce a voz
Para os meus pensamentos
Meus sentimentos, meu sorriso
Está inundado de paz
Ter direito, ter a vida
Acima de tudo ter saúde
Alimentos, saúde, alimentos, estudo
O meu estatuto diz ainda mais
Prioridade é palavra de ação
É ter direito o poder do cidadão
Ser feliz com a bola no peito
Com laço de fita
Liberdade é mesmo que a vida
Dar pro seu coração

Solidariedade

Que a pessoa ajuda a outra, não cobra nada.

Preservar
1º: o lugar
2º: os materiais

1º: compreensão
2º: com afeto
3º: tolerância
4º: união
5º: amizade

Pegadas de Arlesson
Instituto de Ecocidadania Juriti
Juazeiro do Norte - CE

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Oi, meu nome é ARLESSON, sou do Instituto de Ecocidadania Juriti.

Neste caderno vou contar o que eu passei na Serra da Capivara.

Acordamos cedo e fomos para um encontro com Inambê e que tinha envolvido também o pessoal dos circos: Canoa Criança e Pé- de- Moleque. Lá foi uma oportunidade da gente se conhecer melhor, porque nós falamos nossos nomes e de onde nós viemos. Lá no encontro nós discutimos sobre a Serra da Capivara e sobre os antepassados da Serra da Capivara.

Eu gostei muito desse encontro. Pra mim é uma oportunidade única que eu tive na minha vida. Também fizemos no encontro alguns minutos de alongamento e uma dinâmica que me chamou muita atenção, era uma dinâmica que todo mundo ficava andando no espaço e olhando uns aos outros e isso foi bem legal pra mim, e um dia antes do encontro conhecemos o museu aonde nós vimos os fósseis dos antepassados da Serra da Capivara, e isso me marcou muito.

Palavras faladas no encontro

- Pontualidade
- Respeitosamente, Compromisso
- Gentetude
- Solidariedade

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

- Limpeza
- Organização
- Preservação
- Amizade
- União
- Tolerância
- Disciplina
- Segurança

Depois do encontro teve uma oficina com Alice, a oficina de acrobacia, onde teve pirâmides e muitas outras coisas. Resultado: todo mundo gostou da oficina.



DIA: 09/05/2011

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Nós saímos para um passeio na mata da Serra da Capivara com a companhia dos guias. Lá vi muitas paisagens bonitas como as serras e alguns animais que tinha lá.

Também nós encontramos desenhos rupestres nas rochas e cada desenho daquele tinha um significado. Tinha desenho que simbolizava pessoas fazendo pirâmides, pessoas fazendo parada de mão, pessoas também fazendo rituais e muitos outros significados.

Também tiramos várias fotos lá no passeio e achei esse passeio. Depois tivemos aula de acrobacia com Alice e eu aprendi muitas coisas como, pirâmide e alguns saltos básicos e também ela passou um alongamento bem bacana que deixou meu corpo em forma e eu achei essa aula bem bacana. Depois, a noite tivemos uma reunião com Inambê, onde discutimos vários assuntos importantes.

ASSUNTOS DISCUTIDOS NA REUNIÃO

Caminho
Aonde a pessoa vai
Nordeste

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

A Será da Capivara está localizada no Sul de Piauí, em Coronel José Dias e estamos no povoado de Brunadinho, no albergue Serra da Capivara. Aqui nesse albergue tem fábrica de cerâmica, tem o restaurante, tem a malharia, uma horta orgânica e tem a loja de cerâmica.

Depois assistimos a um filme com os homens das cavernas, eles eram bem estranhos e diferentes de nós porque eles agiam como macacos e falavam bem diferente de nós. Eles também como os homens de hoje, só que a briga deles era bem diferente. Eles brigavam por causa de fogo com outras tribos. As outras tribos perseguiram eles porque eles tinham fogo e por isso eles brigavam.

No final do filme eles aprendem a fazer fogo com uma mulher de outra tribo que andava com eles.

Eu achei esse filme muito legal e interessante e gostei muito porque ele fala como era o nosso antepassado.



DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

10/05/2011

Sáímos de manhã e fomos a um passeio na Serra da Capivara em uma trilha em que nos levou a um alto de rochas, como nós decidimos de lá entramos em um pequeno museu onde tinha alguns restos mortais de Toxodon SP = eram grandes herbívoros de patas curtas e corpo de barril, do tamanho dos rinocerontes e hipopótamos atuais da África. Também eu vi Macrauchênia EF, patachonica, smilodon, Haplomastadon, Waringi, Hippidion Sp que era um cavalo selvagem, Glystodon clavipes que um falso tatu e também um paliotama sp que é uma espécie herbívora.

10/05/20

TOCA DO BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA



Lá eu vi muita coisa interessante como as rochas e os desenhos rupestres e também lá é muito bom porque a pessoa fica mais próximo a natureza.

O que eu achei muito interessante nos desenhos rupestres foi o significado de cada desenho. Era como eles desenhassem tudo que eles faziam em seu cotidiano. Eu também achei que eles faziam acrobacias porque nos desenhos vem mostrando pessoas fazendo pirâmides, dando saltos mortais e muitas outras coisas. Também, eu e meu grupo conhecemos um grupo de pessoas

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

que estavam fazendo escavações para descobrir novas descobertas. Nós conversamos com eles e trocamos algumas idéias com eles. Perguntaram nossos nomes e nós saímos e seguimos adiante.

Descobri também que ali na Toca do Boqueirão da Pedra Furada podia ter tido no passado cachoeiras, porque eu percebi nas rochas algumas manchas escuras como se ali tivesse alguma queda d'água no passado. Eu perguntei ao nosso guia porque ali não havia mais água, ele disse que era por conta das mudanças climáticas. Isso pra mim foi muito interessante.

PEDRA FURADA

Lá nós tiramos várias fotos bonitas porque é um lugar muito bonito para visitar e lá também se recebe muitos visitantes de vários lugares do mundo. Descobri também que ao passar do tempo as rochas vão se decompondo e por isso tem aquele grande buraco na rocha. Depois nós fomos para a Toca da Fumaça, onde encontramos desenhos rupestres e ficamos bem próximo da natureza. Lá eu também me senti no antepassado da Serra da Capivara.

Afinal, eu gostei muito desse passeio, foi muito legal.

A noite saímos do Albergue da Serra da Capivara e fizemos um pequeno passeio para ver as rochas durante a noite e eu achei muito bonito pra mim é o paraíso.

11/05/2011

Tivemos uma demonstração de dança do antepassado com Inambê, depois dessa demonstração de dança Inambê nos pediu que nos melássemos de argila e depois fizemos uma outra demonstração de dança, só que dessa vez nós estávamos todos sujos de argila.

Depois tivemos um treinamento com Alice e desse treinamento ela queria tirar algumas partes para o espetáculo.

Fizemos algumas demonstrações de acrobacia para encaixar no espetáculo e foi muito legal trocar experiências com as meninas das outras escolas de circo.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Em seguida fomos ao Museu do Homem Americano, onde fomos a uma palestra com a Arqueóloga Niède Guidon, que fez e ainda hoje faz pesquisas na Serra da Capivara. Ela disse que conheceu a Serra da Capivara, através de um homem que disse a ela sobre os desenhos rupestres que naquele tempo eles falavam que eram desenhos de caboclos. Ela também disse que viajou para a França e arrecadou recursos e voltou pra cá para o Brasil. Foi de onde ela continuou fazendo pesquisa na Serra da Capivara e descobriu novas descobertas como os fósseis e muitas outras coisas. Ela disse que quando começou as pesquisas na Serra da Capivara, os sítios eram mais escondidos por conta da mata fechada. Depois que começaram as pesquisas e escavações na serra da Capivara, também começou o desmatamento para abrir caminhos para os pesquisadores, só que hoje não existe mais isso porque a Serra da Capivara está sendo conservada e protegida pelo IBAMA e por quem vive lá.

Eu achei a palestra muito legal e interessante porque eu fiquei sabendo de muitas coisas sobre pesquisas na Serra da Capivara e também do passado da Serra da Capivara e do começo das pesquisas de lá.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Fizemos uma roda com Inambê e falamos do espetáculo e do que nós achamos dos passeios na Serra da Capivara. Em seguida teve uma palestra com Cecília. Ela falou muitas coisas importantes e interessantes. Depois pediu que não fizéssemos alguns desenhos nos papéis para encaixar no espetáculo. Depois começou o treinamento para o espetáculo com Alice. Ela pediu que nós fizéssemos alguns movimentos como pirâmides e alguns saltos para o espetáculo.

A tarde teve outro treinamento e nesse treinamento nós também mostramos uma parte de malabares de claves e bolinhas. Eu achei esse treinamento mais legal ainda porque eu acabei aprendendo fazer malabares jogando as bolinhas no chão, e u sempre quis aprender fazer malabares dessa forma e acabei aprendendo nesse treinamento. Achei muito legal. Também fiz alguns bonecos de argila para eu ficar de lembrança e eu achei bem legal e gostoso de se fazer.

13/05/2011

Fomos ensaiar pela parte da manhã. Montamos várias coisa para o espetáculo e fizemos pirâmides, malabares de bolinhas, pedras e claves.

Teve também os artistas do circo Canoa Criança treinando a parte de contorção.

Na parte da tarde pegamos todo o material e colocamos na van e fomos para a Pedra Furada. Lá fizemos uma grande apresentação com todos os artistas.

Pra mim essa apresentação foi um pouco diferente do que as outras que já fiz, porque apresentamos num local aberto e dos lados só era natureza e isso pra mim foi muito gostoso de se fazer porque lá é um lugar muito lindo e muitas pessoas tem vontade de ir lá visitar a Pedra Furada e eu fui uma pessoa que teve a oportunidade de ir através da Juriti.

Eu agradeço muito a Juriti e a Cristina, a Inambê e todas as pessoas que fazem parte da Juriti, porque foi através da Juriti que eu já conheci alguns lugares bonitos e conheci muitas pessoas legais e artistas de outros circos.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Apreendi muitas coisas legais que hoje eu pratico muito na minha vida e contribuo pra outras pessoas.

Vou levar sempre no meu coração essa linda viagem na Serra da Capivara. E vou levar também em meu coração as pessoas que eu conheci e as coisas que eu aprendi durante os treinamentos.





Música em Tupi

Em Tupi a barriga
Matar a fome
Em Tupi a cabeça
Matar o homem
Em Tupi a verdade
Vencer o mal
Em Tupi de coragem
Vencer na final

Tupi do Piauí
Urucu
Urucum
Parnaíba
Poti

Peixe piau morreu de sede
Bicho do mal morreu na rede.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Pegadas de Carlos Eduardo de Freitas Ribeiro

Canoa Criança – Canoa Quebrada - CE – Brasil



Palavras chaves levantadas na primeira roda de diálogo do Picadeiro Político Pedagógico :

- Pontualidade;
- Respeito;
- Compromisso;
- Gentetude;
- Solidariedade;
- Limpeza;
- Preservação;
- União;
- Tolerância;
- Diálogo;
- Disciplina.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Dia 09/05/2011

TOCA DO PAJAÚ



Manchas nas árvores por causa de muito oxigênio é chamado de liquens. Pinturas com cenas de sexo, caça, luta e também o parto, nas rochas da serra. As marcas pretas nas pedras são manchas de fogo. Pajaú é uma grande árvore de nome indígena.

BÚSSOLA MOSTRA

1. Caminho
2. Mostra o lugar onde estou
3. Mostra o lugar aonde vou

Estamos

No Nordeste, na Serra da Capivara, no Sul do Piauí, na cidade de Coronel José Dias, no distrito de Brumadinho no albergue da Serra da Capivara, lugar de hospedagem. Temos a fábrica de cerâmica, fábrica de pintura de camisetas, um restaurante e uma horta orgânica.

“ANTROPOFORMAS”

O FILME

11/05/2011

O filme abordou a importância do fogo para os homens pré-históricos, mostrou que eles brigavam para ter o fogo.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Entre três espécies uma delas faziam armadilhas para capturar o macho de outras espécies para fazer sexo com várias mulheres da outra espécie.

TRILHA

11/05/2011



Posso resumir em poucas palavras. É uma experiência ótima o que todos nós estamos vivendo durante esses oito dias. Gostei muito, pena que está terminando.

A trilha em si, as duas que fizemos foi ótima. Nunca imaginava ver desenhos muito antigos, de mil anos atrás, mas amei muito. Espero voltar mais vezes aqui na Serra da Capivara, não só com minha família, mas sim com o mesmo grupo que aqui estamos, que na verdade somos uma trupe circense. Um ótimo grupo, como todos sabem.

14/05/2011

VIAGEM ÓTIMA

RESUMO DE TUDO

Tivemos uma palestra com a arqueóloga Niède Guidon. Também outro dia treinamos o esboço do espetáculo. Depois fomos para o anfiteatro nos arrumar para fazer a gravação do espetáculo.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Pegadas de Nicolý Roberta da Silva Pereira

Circo Teatro Escola Canoa Criança

Canoa Quebrada- CE - Brasil



Objetivo: Montar um espetáculo a partir das experiências de cada instituição.

- Pontualidade;
- Respeito;
- Educação;
- Compromisso;
- Gentetude;
- Solidariedade;
- Limpeza;
- Organização;
- Preservação;
- Amizade;
- União;
- Tolerância;
- Diálogo;
- Disciplina;
- Segurança

Após a roda fomos para o Albergue, almoçamos, descansamos e depois às 14:00 horas fomos para a vivência com a Alice(diretora do espetáculo).

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

2º dia – 09/05/2011

Pela manhã fomos fazer uma trilha para conhecermos os desenhos rupestres, aí depois nos dividimos em grupo com um guia.

3º dia – 10/05/2011



Ensaio e treino pela manhã, depois a trilha, a noite assistimos um filme: Guerra de Fogo.

Eu entendi que eles brigavam pelo fogo para sobrevivência.

4º dia – 11/05/2011

Treinaamos o dia todinho e a noite descansamos.

5º dia – 12/05/2011

Treinaamos pela manhã e a tarde assistimos uma palestra com a arqueóloga Niède Guidon.

6º dia – 13/05/2011

Treinaamos o esboço do espetáculo, depois fomos apresentá-lo.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Pegadas de Nicaely Roberta da Silva Pereira
Associação Cultural Canoa Criança
Canoa Quebrada- CE - Brasil

08/05/2011

PONTUALIDADES

- Pontualidade;
- Respeito;
- Compromisso;
- Gentetude;
- Solidariedade;
- Limpeza;
- Preservação;
- União;
- Tolerância;
- Diálogo;
- Disciplina;

Circense

- Segurança
- Disciplina
- Equilíbrio

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

TOCA DO PAJAÚ

Líquens: manchas nas árvores, muito oxigênio, 800 a 700 espécies de árvores.

Pinturas de 2.000 a 6.000 anos atrás – cenas de caça, sexo, luta – já existem pinturas de 17.000 a 20.000 anos.

Mar celeriano e maluriano

Marcas, mais pedras (pretas), são manchas de fogo.

Pajaú é uma grande árvore de nome indígena.

BÚSSOLA MOSTRA

4. Caminho
5. Mostra o lugar onde estou
6. Mostra o lugar aonde vou

Estamos no Nordeste, na Serra da Capivara, no Sul do Piauí, na cidade de Coronel José Dias, no distrito de Brumadinho no albergue da Serra da Capivara, lugar de hospedagem. Temos a fábrica de cerâmica, fábrica de pintura de camisetas, um restaurante e uma horta orgânica.

“ANTROPOFORMAS”

O FILME

11/05/2011

O filme abordou a importância do fogo para os homens pré-históricos, mostrou que eles brigavam para ter o fogo.

Entre três espécies uma delas faziam armadilhas para capturar o macho de outras espécies para fazer sexo com várias mulheres da outra espécie.

Cores 09/05/2011

Verde, laranja, amarelo, bege, cinza e marrom.

Kaulin: cinza com o branco

Vermelho: por conta do óxido de ferro.

11/05/2011

Treinamos o dia todo e à noite descansamos.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Pegadas de HUGO LÍVIO LIMA FONTENELE
CIRCO ESCOLA DE ECOCIDADANIA
INSTITUTO DE ECOCIDADANIA JURITI
JUAZEIRO DO NORTE-CE



Palavras chaves citadas na primeira roda de diálogo

- **Tolerância**
- Pontualidade;
- Respeito – diferenças;
- Compromisso;
- Amizade
- União;
- Solidariedade;
- Gentetude;
- Afeto
- Limpeza;
- Limpeza e organização
- Preservar
- Dialogar

Circense

Segurança – Atenção

Disciplina – Equilíbrio – Organização

Dia 07/05/2011 (sexta-feira)

Chegada de Juriti e instalação do grupo no espaço.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Dia 08/05/2011 (sábado)



Visita ao Museu Americano do Homem, onde mostra a pré-história, aonde mostra esqueletos e pinturas rupestres e depois troca de experiência com outros projetos que chegaram.

Dia 09/05/2011 (Domingo)

Roda de conversa com Inambê com apresentação de todos e conversar o que ele trouxeram para o grupo, além disso combinamos na roda palavras que iam ajudar nesse processo.

Realizamos um alongamento grupal e em seguida tivemos uma oficina com Alice Viveiros, onde trabalhamos a importância da acrobacia.

Dia 10/05/2011 (Segunda)

Passeio Ecológico na serra da Capivara. Visitamos a Toca do Pajaú, Toca do Baixo da Vaca, Toca da Gameleira do Baixo da Vaca com todos os projetos que estavam.

TRILHA

Toca do Pajaú

Pinturas, muito ar 800 a 700 espécies de árvores.

Pinturas de 3.000 a 6.000 mil anos.

Pinturas, cena de sexo, luta, caça, animal.

Pajaú é uma grande árvore de nome indígena.

Pinturas usadas pelos pré-históricos (Homem)

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Kaulim – cinza com branco, vermelho por conta do óxido de ferro.

Bússola

Aparelho que localiza e indica direções.

Hoje estamos no Norte do Sul do Piauí, em Coronel José Dias, no povoado de Gramadinho, localizado no albergue da Serra da Capivara.

PASSEIO ECOLÓGICO 10-05-2011

Vista Panorâmica do alto da Serra da Capivara para a Pedra furada. Ficamos numa altura de 126 metros de altura.

Fomos ao museu da Pedra Furada, onde tivemos vista dos fósseis de animais silvestres e selvagens. Voltamos para o albergue para ensaiar o espetáculo com Alice Viveiros.

DIA 11-05-2011

Hoje trabalhamos com Inambê, fizemos uma roda e realizamos o PPP, onde trabalhamos uma dinâmica que um tinha que sentir o corpo do outro, um jogo de confiança, um trabalho com argila.

A tarde fomos Hugo, Maurício, Ramon e Francisco da oficina do PROARTE, onde trabalhamos com as crianças pirâmide, contorção e palhaço.

DIA 12-05-2011

Trabalhamos na montagem do espetáculo com Alice, onde preparamos pirâmides e números. Depois, Hugo, Maurício, Ramon e Francisco fomos pro PROARTE preparar um espetáculo com as crianças.



DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Pegadas de Everlânio Lima
Projeto Circo Escola de Ecocidadania
Instituto de Ecocidadania Juriti



Estou na Expedição dos Acrobatas da Serra da Capivara com o objetivo de montar o espetáculo sobre as pinturas rupestres.

Estamos com os grupos de circo: Pé-de-moleque, PRO ARTE e Canoa Criança.

Nós somos Juriti de coração, mas nesse momento nós somos também um grupo de pessoas com características importantes como união, a importância de ser educando e educador.

Nossa convivência é importante para todos nós, para o cotidiano e para o espetáculo, para o nosso ambiente natural.

Nós estamos em união com todas as pessoas do ambiente e do lugar.

PRESERVAR 08-05-2011

- O respeito ;
- A consciência com as pessoas;
- O compromisso
- A amizade
- A gentetude
- O respeito

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

- Saber tratar as pessoas
- Solidariedade
- Limpeza
- Preservação do ambiente
- Natureza
- Espaço
- Segurança
- Amizade
- Compaixão

BÚSSOLA MOSTRA

Caminho

Mostra o lugar onde estou

Mostra o lugar onde vou

Estamos no Nordeste, na Serra da Capivara, no Sul do Piauí, na cidade de Coronel José Dias, no distrito de Brumadinho no albergue da Serra da Capivara, lugar de hospedagem. Temos a fábrica de cerâmica, fábrica de pintura de camisetas, um restaurante e uma horta orgânica.

ANTROPOFORMAS

Dia 08-05-2011

Iniciando os treinamentos acrobáticos com Alice Viveiros, que é uma pessoa de excelente formação, alto nível de profissionalismo, gosta de dar toques nas pessoas.

Dia 09-05-2011

TOCA DO PAJAÚ

Onde mostra sobre a acrobacia e as pirâmides de segunda e terceira altura. Viemos fazer uma trilha de pesquisa sobre os acrobatas, todos nós da trupe Brasil.

DIÁRIO DE BORDO

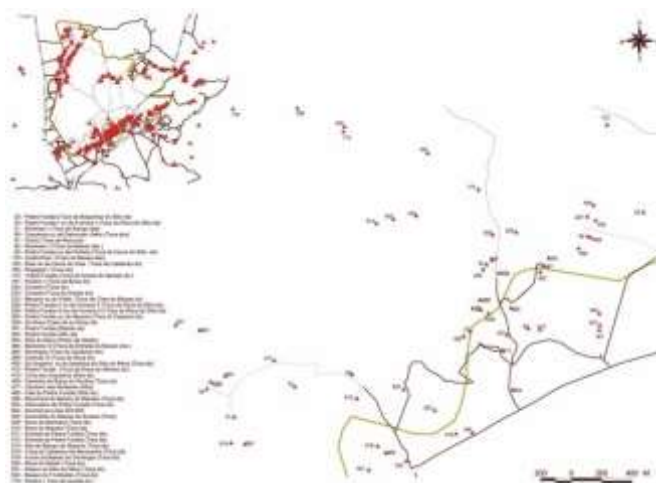
Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Descrição das trilhas dialogadas

Todas trilhas caminham para a gente se achar....

Trilha - Baixão da Pedra Furada



Dificuldade : fácil

A entrada deste circuito se faz pela guarita localizada na estrada que sai da BR-020 e vai para o povoado do Sítio do Mocó. A guarita situa-se cerca de dois quilômetros depois do povoado, com sanitários preparados para atender aos deficientes físicos. No Sítio do Mocó existe uma cabine telefônica e um camping, com sanitários, cozinha equipada, churrasqueira, energia elétrica, água encanada, tendas e quartos.

Este circuito inicia-se pelo Centro de Visitantes, equipado com lanchonete, auditório com vídeo, exposição, loja de lembranças, sanitário público. Existem também locais especiais para piqueniques. O sítio **Boqueirão da Pedra**

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Furada pode ser visto à noite, iluminado, mediante reserva prévia.

É no vale do Baixão da Pedra Furada que se encontra o arco do triunfo da Pedra Furada, monumento geológico.

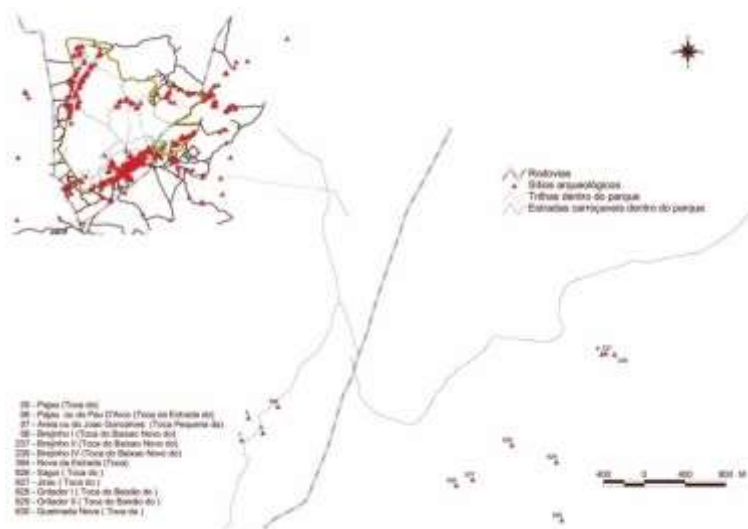
Deste circuito acede-se ao Circuito do Alto da Pedra Furada, com passagem para o vale do Baixão das Mulheres, ao circuito do Caldeirão dos Rodrigues. A passagem pelo alto da Pedra Furada não é aconselhada para pessoas com problemas cardíacos ou fora de forma física.

Neste circuito podem ser visitados mais de dez sítios arqueológicos, inclusive a Toca do Boqueirão da Pedra Furada, o sítio arqueológico que possui os vestígios da presença humana mais antiga das Américas.

Essa trilha percorre o(s) seguinte(s) sítio(s):

Toca do Arame do Sansão
Toca do Boqueirão da Pedra Furada
Toca do Cajueiro ou Macário
Toca do Fundo do Baixão da Pedra Furada
Tocas da Fumaça I, II e III
Tocas da Roça do Carlindo I e II

Trilha - Desfiladeiro da Capivara



Dificuldade : fácil

Esta passagem foi utilizada desde tempos pré-históricos pelas populações locais.

Quando os colonizadores brasileiros chegaram, faz um pouco mais de um

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

século, exterminaram as populações indígenas que aqui moravam e aproveitaram esta passagem como estrada para o norte do Estado. A construção da BR 20 desativou este caminho.

Por sua configuração o desfiladeiro conserva melhor a umidade, assim a vegetação sofre mais tardiamente os efeitos da estação seca.

Hoje, como há milênios, este caminho permite aceder a um conjunto de sítios de pinturas rupestres localizados em abrigos de ambos lados do estreito vale.

As pinturas, caracterizadas pela sua narratividade, fazem parte de uma classe conhecida como Tradição Nordeste. As figuras podem ser facilmente reconhecidas e representam, frequentemente, cenas da vida cotidiana e cerimonial dos grupos humanos que habitavam a região em períodos pré-históricos.

Algumas das pinturas destes sítios estão entre as mais antigas da Tradição Nordeste. Pertencem ao estilo conhecido como Serra da Capivara e compõem a história visual da pré-história. As pesquisas realizadas indicam que começaram a ser pintadas faz 12.000 anos BP.

A entrada para este circuito faz-se pela guarita situada na BR-020 depois da cidade de Coronel José Dias, pela estrada é possível visitar um mirante no qual a planície pré-Cambriana com os diversos serrotes podem ser observados. Deste circuito é possível acessar a pé dois outros: o Circuito dos Veadinhos Azuis e o Circuito do Boqueirão do Paraguaio.

Essa trilha percorre o(s) seguinte(s) sítio(s):

Toca da Entrada do Baixão da Vaca
Toca da Entrada do Pajaú
Toca do Barro
Toca do Inferno
Toca do Pajaú
Toca do Paraguaio
Toca Nova da Estrada

Fonte: <http://www.fumdham.org.br/trilhas.asp>

ACROBATAS NA CURVA DO TEMPO – A GIRA DOS TEMPOS PRÓXIMO PASSO

Estamos buscando alternativas para dar continuidade a essa exitosa experiência no sentido de percorrer novos caminhos e visitar a Serra da Capivara descobrindo novas possibilidades para a montagem do espetáculo: **ACROBATAS NA CURVA DO TEMPO – A GIRA DOS TEMPOS** escrito a partir das vivências com os jovens dos circos sociais do Nordeste.

O espetáculo é uma celebração do que é belo e bom. O amor, a amizade, o riso solto, a festa e o encontro. O tempo não é uma linha que corre e vai deixando para trás tudo o que passou e já está lá na frente fazendo o futuro e esquecendo o presente. O tempo é curvo. O tempo volta e se refaz outra vez, a cada vez, mais uma vez.

O tempo é roda, é gira, é espiral solta no ar. O que foi ainda é e sempre será. Acrobatas são todos os que desafiam a lei da gravidade, que ficam de ponta cabeça e fazem um mundo ao contrário. Equilíbrio, força, flexibilidade e muita coragem é dessa matéria que são feitos os Acrobatistas.

Nas pinturas milenares da Serra da Capivara encontramos nossos irmãos irmãos e com eles saltamos juntos pra dentro da vida. Vida Severina dizia o poeta, vida dura, vida de misérias e de pouco para ser divididos com tantos.... Mas é no salto que a Vida se faz mais vida, é na roda que ela se impõe ao medo e vence a morte.

Este espetáculo é dedicado a todos os que amam a vida e são capazes de dedicar toda a vida e defender que a Terra seja de todos. É especialmente dedicado aos que por séculos protegeram as pinturas de nossos antepassados e aos que ainda hoje lutam tanto para garantir que a voz escrita nas pedras chegue às novas gerações.

Cena 1 **O som**

O som de floresta, pássaros, pios, rio que corre manso, vento na folhagem, sons difusos que pouco a pouco incorporam alguns ritmos, batuques esparsos, sons na moringa e ao longe e discretamente um pedaço da melodia do canto dos krahôs.

(Fusão) - o som vai se misturando, a percussão se intensifica e vai se transformando num moderno batidão. Hip hop, funk, qualquer coisa semelhante. (a autora reconhece sua profunda ignorância no que tange a essas mudernagens...)

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

Cena 2

A Galera

A Galera chega para o baile. Estão felizes, brincam e logo começam a se exhibir. Fazem juntos coreografias típicas, um faz o moon-walk, o outro ensaia umas acrobacias de hip hop, giros no chão, saltos, muita presepada. Todos exibindo-se felizes.

No meio deles está Macaúba. O palhaço. Palhaço sem nariz, palhaço sem pintura. Todo sem jeito e muito feliz. Feliz demais. Riso solto, riso bobo. Que provoca o riso dos outros. E o tolo ri mais ainda.... ensaia uns passos malucos, erra a coreografia, se torce todo para tentar imitar os outros. Risos gerais e um grita, só para chatear: “Dança Macaúba!” ao que o palhaço imediatamente retruca, cheio de brios: “Eu sou eu, Macaúba é o Coco!”

Esse bordão acompanha o palhaço por onde ele for.

O grupo vai se desfazendo saindo de cena aos poucos. A luz é muito importante para fazer essas transições....

Cena 3

O Grupo

O grupo é formado por índios de diferentes matizes. A caracterização é sutil. São detalhes na cabeça, no pulso, nas pernas. Pinturas no corpo, mas sem exageros ainda. A música faz a transição e o grupo vai chegando, brincando e saltando. É preciso marcar que os saltos são bem livres, sem ponta de pé, sem abusar da linha. Enfim, o que importa é que eles saltam e fazem contorção.

E lá no meio do grupo, vestido de índio mas bastante ridículo vemos ele, o palhaço, aquele mesmo que era chamado de Macaúba.... E os amigos do grupo riem de seus pulos sem jeito, de sua cara de paspalho e logo alguém grita: “Pula, Embaúba!”. E o palhaço, cheio de brios retruca: “Eu sou eu, Embaúba é a árvore!”

Cena 4

A mistura

Com a ajuda dos telões para projeção, ou melhor ainda com os tecidos que fazem parte do cenário começamos a projetar cenas da pré-história e de hoje.... os grupos se misturam. A Galera fica na linha da frente do palco e o Grupo vai tomando a parte de trás. A luz separa os grupos e transforma o Grupo em algo etéreo, corpos em outra dimensão. A essa altura o grupo já está coberto de barro, o que aumenta a sensação de que eles são quase uma miragem.

Nesse momento podemos ter números diferentes. É importante ressaltar que para o desenvolvimento da história a ordem dos números não é tão relevante assim. Podemos fazer um jogo de diabolôs, ou cenas de contorção que acontecem nos dois planos. Ou ainda utilizar outras habilidades do grupo. Equilíbrio de objetos ? Dança na corda ? podemos ter duas cordas uma em cada zona e montar um número que se complementa e se espelha..... muitas

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

possibilidades. O que importa é que nesse momento a Galera e o Grupo estão em cena fazendo atividades semelhantes e complementares, mas ainda não estão juntos.

A única pessoa que consegue estar nos dois grupos ao mesmo tempo é o Palhaço. É o Carnaúba/Embaúba. Seus amigos não se dão conta de que ele passeia de um tempo para o outro.

Cena 5

Os meninos

Carnaúba/Embaúba tem um amiguinho em cada um dos tempos. E ao passear entre os tempos acaba levando-os de lá para cá. Os dois se estranham, mas só um pouquinho.... como meninos de todos os tempos logo ficam amigos inseparáveis,

Cena 6

Caio e Luz

Quando os grupos começam a sair de cena deixando Macaúba e os meninos para trás brincando subir um por sobre o outro, a luz vai se transformando e a música também. Em cena ficam Caio e Luz. É o amor atravessando o tempo. Pas de deux, mão a mão, tecido e corda.... não importa. Os dois dançam ao som de Lua Morena.

Macaúba e os meninos trazem os potes de tinta e o casal se pinta.

Cena 7

Eu sou eu, Embaúba é a árvore

O Grupo volta e tenta separar Caio e Luz. Cantam os cânticos sagrados e dançam as danças sagradas. Mas os dois não se separam com o providencial apoio do palhaço e de seus jovens ajudantes. (aqui pode entrar o fogo

Cena 8

Eu sou eu, Macaúba é o coco

A Galera chega para levar Caio de volta. E a luta começa. Mais fogo.

Cena 9

Tudo junto e misturado

A luta vai se transformando em competição de habilidades. Malabares, saltos. Todos se pintam e trocam objetos: bonés por cocar, pulseira por pulseira.....mp3 por chocalho....

E aí começam a se somar. Colunas, pirâmides e charivaris de saltos.

O espetáculo termina numa grande ode à acrobacia de todos os tempos.

Reafirmando as inscrições rupestres

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Os jovens participantes da Expedição acrobatas da Serra da Capivara reafirmaram as descobertas de Alice Viveiros de Castro sobre os desenhos rupestres que se assemelham com as atividades circenses. Descobriram na cadência de seus passos, com seus olhares curiosos, novas inscrições rupestres que se assemelham a trapézios, monociclos, malabares fruto de uma imaginação artística de quem tem a liberdade de se permitir ver o mundo pelo avesso

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



A figura da base está segurando a da segunda altura pelas mãos. A da terceira altura parece equilibrasse sobre os pés do da segunda e, por sua vez, segurar o da quarta altura pelas mãos.

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Salto pintado quadro a quadro. Teriam nosso antepassados inventado o cinema?



A pintura do grupo de acrobatas que deu origem a este trabalho

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre

“Viajar é abrir a janela da alma.”



Continuando a caminhada

Após a realização da Expedição Acrobatas da Serra da Capivara, que conseguiu mobilizar e sensibilizar tanto a comunidade científica do Parque Nacional da Serra da Capivara quanto os moradores do entorno, os jovens que participaram da experiência manifestaram seus desejos de dar continuidade a este processo. Eles sentiram a necessidade de ensaiar e se apresentar em outros locais com características semelhantes a da Serra da Capivara e ampliar a pesquisa sobre as artes rupestres que se assemelham aos movimentos acrobáticos circenses.

O circo social tem o papel de aproximar o saber formal do saber informal de forma lúdica, leve e prazerosa difundindo a importância das artes rupestres e sua preservação, principalmente para as populações do entorno. Aproximando crianças, adolescentes, adultos jovens, adultos e idosos desta temática que ainda tem muito chão para ser difundida.

Com a montagem e apresentações deste espetáculo estaremos trazendo para a arte contemporânea as manifestações artísticas da pré-história com destaque para dar visibilidade as artes rupestres que se localizam em Afogados da Ingazeira (PE), Pão de Açúcar(AL), Quixaramubim (CE) e São Raimundo Nonato(PI), pois os resultados das pesquisas de imagens rupestres estarão sendo projetadas durante as cenas do espetáculo.

Com uma linguagem moderna, estaremos chegando até as pessoas mostrando a relevância cultural, educacional e social das artes rupestres.

Todos os jovens integrantes do espetáculo vivem em situação de risco social e estão construindo suas cidadanias através da arte do circo: neste projeto eles terão oportunidade de formação circense de excelência e de informação sobre as artes rupestres a partir de o seu próprio olhar, pois participando das expedições eles estarão sendo sensibilizados para a pesquisa, sistematização e inclusão das suas descobertas no próprio processo de montagem do espetáculo Acrobatatas na Curva do Tempo.

O inédito da experiência é essa junção das artes circenses com a disseminação de conhecimentos sobre artes rupestres. O circo chama atenção das pessoas, o circo social tem o papel de educar de forma informal as pessoas, atraindo todas as idades para o desafio, para o mundo pelo avesso e nesta dinâmica se introduz informações visuais e textuais sobre as artes rupestres.

Senhoras e Senhores, meninas e meninos Expedição Acrobatatas na Curva do Tempo eis o nosso próximo passo. Continuemos nossas pegadas....

DIÁRIO DE BORDO

Uma experiência de cultura colaborativa e circo livre



Ficha técnica:
Coordenação e organização:
Cristina Diôgo
Pesquisa: Alice Viveiros
Textos: Cristina Diôgo
Alice Viveiros
Inambê Fontenele
Maria Cecília Calaça
Acrobatas da Serra
da Capivara

Vivências: Inambê Fontenele
Produção: Francisco Viana
Vivências Circenses: Hugo
Lívio, Ramon Freitas e Carlos
Vinicius

Direção do espetáculo: Alice
Viveiros
Design: Renato Feitosa
Fotografia: Victor kawui
Cristina Diôgo
Alice Viveiros